



A TRAGEDIA SERVIA: Os primeiros refugiados em França (Desenho de Ferreira da Costa)

II série — N.º 523

Assinatura para Portugal, colonias portuguesas e Hespanha:

Trimestre	1\$20	ctv.
Semestre	2\$40	..
Ano	4\$80	..

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAYES

REMINGTON UMC
MUNICIAÇÃO CALIBRE.22.

Deseja Va. Sa. obter exactidão, fôgo certo, e penetração da sua municação de pequeno calibre assim como dos cartuchos para caça grossa.

Então devem exigir os cartuchos REMINGTON-UMC que veem na caixa com marca bolla Vermelha. Estes são os que dão esse resultado.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
 299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil

LEE & VILLELA

Caixa Postal 420, São Paulo. Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
 No Territorio do Amazonas
 OTTO KUHLLEN
 Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o pas-ado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas d.s teorias de Gall, Lavater, Desbarro les, Lambrose, d'Arpenl gney, madame Brouillard tem per-orrido as principaes cidades da Europa e America, onco fo admirado pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predi-se a queda do Imperio e t dos acontecimenten-



tos que se lhe segulam. Fala portuguez, francez, Inglês, al-mão, Italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 d manhã á 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-roja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 ré s.

REMEDIO FRANCES

XAROPE FAMEL

CURA
 INFALLIVELMENTE
 BRONCHITES
 Mesmo Chronicas

TOSSES
 ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no deposito geral
 J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
 Franco de porte compranda 2 frascos.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

MAIZENA
 Para Fazer
 Bons Pasteis



Leves, finos, succulentos e digeriveis, use-se 1-5 até 1-4 parte de "Maizena" com a farinha. Por meio da "Maizena" obtem-se um corpo liso e leve que produz uma pastelaria perfeita, tanto em sabor como apparencia.

NATIONAL STARCH CO.
 New York, E. U.

À venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

Ler ás quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

A tomada d'Erzeroum

A tomada d'Erzeroum, pelos russos, é, segundo os técnicos, de uma importancia capital. Com effeito. Os telegramas dizem-nos que o exercito turco retirou para lèste, o que nos indica logo que nem pôde, n'estas circunstancias, manter uma linha, comprimido como está n'um triangulo que tem por lados a margem do Mar Negro, a orografia do Caucaso—e a propria linha russa; é pois um exercito que, segundo todas as apparencias, cortado da base do reabastecimento e sem apoio no litoral, parece destinado a ser envolvido e inutilisado com relativa facilidade, sobretudo se os russos não mergulharem nas delicias da Capua. Para evitar este desastre só existe a retomada rapida d'Erzeroum o que, segundo parece, é, agora, a



ideia d'Enver-Pachá. Se esta tentativa se não dêr, a linha russa afirma-se, pôde apoiar a sua direita na esquadra porque Trebisonda está, em virtude da posse d'Erzeroum, para quem a quizer tomar; a esquerda pôde unir a vaga e indecisa linha ingleza da Mesopotamia e, por consequencia, a maior parte de Kurdistan cairá nas mãos dos aliados. Aqui está, por um facto aparentemente local, toda a primeira defesa da Asia Menor, o Tauro, fortemente ameaçada; e uma ação fulgurante, mantida por grossos efetivos, pôde levar os aliados até Aleppo, firmando no golfo de Alexandretta a sua extrema esquerda. Seria o imperio otomano cortado pelo meio, separado definitivamente da Arabia—e do canal de Suez.

A Academia

A Academia está em grêve. De quando, em quando, subitamente, surgem estes desacordos com professores, a questão da frequencia, ás vezes, a questão do programa. Provocavam-se, d'antes, com larga pachorra, agora incendeiam-se como um rasilho. A temperatura moral dos portuguezes, já tão proxima da ebulição, não lhes consente socego e a Disciplina sossobra porque se fragmenta em mil disciplinas feitas á imagem e semelhança de cada um.

Têm os estudantes razão? Tem o governo razão? Ignoro. Acho este cacho de uvas bastante verde—porque já não pertenco á Academia, infelizmente; finjo desinteresse porque lhe não posso chegar. Mas que saudade! Também eu gosei as delicias da grêve, fui um agitador terri-



vel, chefe de barbaros, o Gengis-Khan da Politecnica; gemi no seio da Policia, esperei, estoicamente, a fogueira dos pretorianos, suspirei pelo martirio, quiz morrer pela causa... Já me não lembra o motivo do conflito de então, d'ele só me ficou uma profunda saudade. E' o bastante. E' o melhor das grêves. Grêve para obter, pela força, regalias e concessões? Pessima grêve! Grêve para rir, chalacear, viver, ser garoto? Essa sim! Excelente grêve!

O ultimo «chéché»

Vi-o hontem. Era lamentavel. Um farrapo de homem envolvido num farrapo de lustrina. A graciosa folia do entrudo de Roma sob o pontificado paternal de Ganganelli, a mascarada aristocrata do carnaval de Veneza, toda a galanteria dos «cumetti», todos os folguedos de Pantalone os requiebrs de Colombina, as tragedias picaras de Matamóros,—vieram expirar ali, num velho sordido que cheirava a vinho e pedia «um centavo p'r'o velho». Lembrei-me então dos «sulcos» de que fala o Jacinto, daquelas figuras que encontramos, ao acaso, pelas ruas e que nos estragam o dia, o ar, a luz pela baixeza intoleravel da sua tolice ou da sua miseria. Vi hontem esse «chéché» espectral, torpe, de além-tumulo; tinha fome, talvez; era uma fórmula de pedir esmola. Ha sempre, em volta, gente que ri, que admira, que dá pançadinhas. Pareceu-me um salpico de lama e desviei os olhos muito depressa,—confusamente envergonhado de ser homem!



Segredos ás Mulheres

O poeta Cesar Casqueiro publicou, ultimamente os «Segredos ás Mulheres», um pequenino livro de versos, curioso, bem pessoal, recheado de idéas originaes, quasi novas em poesia. E' um ceticismo temperado pelo fundo romantico e sentimental que constitue o «facies» da grande maioria dos portuguezes. A linha do seu estilo é muito decidida, algumas das suas quadras de um doce e suave conceito. Se é verdade que os poetas nascem e não se fazem, sem contestação, Cesar Casqueiro é um poeta nato. Nessa tão difficil fórmula de poesia, que é o soneto, firma duma excelente maneira as suas qualidades. Tem energia, cor e maleabilidade.

MARIO DE ALMEIDA.



(Ilustrações de Manuel Gustavo).

O irremediável

TINHAMOS ficado á mesa, depois do almoço, de charutos acesos, olhando silenciosamente a luz dourada que descia do céu e alagava os canteiros de flores do jardim. Corria um soberbo mez de maio. O calor fecundo fazia desabrochar as seivas tumidas em florações e em folhagens, e uma aragem leve espalhava no ar nítido aromas de toda a sorte. Ondulantes grinaldas de rosas cruzavam-se nas ramarias onde as aves cantavam. Uma doce preguiça invadia-nos, uma grata sonolência cerrava-nos as palpebras, enquanto o fumo do tabaco, esgarçando-se em espiraes, se azulava no ambiente ténue e calmo. Pelas cortinas de renda crém da janela aberta para o vergel entrava a alegria maravilhosa da tarde, que começava cheia de suavidade e de beleza. Foi então que Alvaro, reagindo contra a languidez que o amolecia, se levantou da sua cadeira, deu alguns passos hesitantes sobre o tapete da sala e, quebrando a cinza do charuto no cinzeiro, exclamou:

— E' curiosa a impressão de desalento que me oprime em certos momentos. E esta impressão angustiada de que falo e que não sei explicar por palavras, torna-se mais frequente em mim nos dias luminosos, quando a primavera é moça...

— Pois olha que são raros os pessimismos depois de um bom almoço — atalhei eu, sorrindo. O peixe estava uma delícia, o vinho era fresco e perfumado...

— Nada de ironias, Antonio!... O riso sóa falso nos momentos espirituais em que a alma ascende e se expande — interrompeu Alvaro, passando apressadamente no compartimento. Estou triste! — concluiu, baixando a cabeça.

— Mas triste por que razão? Afinal, não compreendo. Almoçamos bem, comemos com apetite, conversámos afavelmente, lembrámos tempos antigos de confiança, de ilusão e de amor...

— Foi talvez por isso! Existe na minha melancolia uma vaga mescla de saudade, de aspirações irrealizadas, de vontade que desfalece: e estas sensações desagradáveis acordamo-las nós com a nossa romagem aos anos extintos de que apenas restam recordações, sombras tenues, encantos que se vão apagando.

Houve um instante de pausa. Alvaro, acabrunhado, passando a mão trémula pela face, que principiava a engelhar, coíando o bigode encanecido, curvou-se no peitoril da janela que um florido ramo de mosqueteira idilizava, espreitando um alegre de cravos vermelhos em que o sol fazia rutilar um vivo fulgor de chama. Como a pacificação era profunda, os menores ruídos adquiriam uma vibração prolongada na translucidez da atmosfera. Da confortável cadeira estofada, que se afofava ao peso do meu corpo, eu seguia todos os movimentos de Alvaro, que me parecia menos confiante e mais desalentado do que nunca. Ia observando que a velhice transformava apressadamente numa ruína aquele homem que eu conhecera jovial, saudavel como uma arvore no-

va, trasbordante de vivacidade e de espirito, em plena força da vida. Agora, Alvaro já corcovava um pouco, perdera a admiravel rigidez do busto, as suas linhas fisionomicas perturbavam-se, amortecia o brilho dos seus olhos. Era uma decadencia lamentavel! Esta rapida analise fez uma revelação na minha inteligencia. Murmurei, em voz baixa:

— Eis aí o segredo da sua tristeza. Sente-se resvalar para a invalidez fisica e não se conforma, porque não se lhe extinguiu ainda totalmente o fogo no coração.

Ele ouviu o som das minhas palavras, saiu da janela e, vindo lentamente para mim, interrogou:

— Dizias?!...

— Que estamos a perder, aqui, horas maravilhosas. Vamos desentorpecer as pernas!

— Queres que demos uma volta pelo jardim, que está lindo?

— Pois sim! — concordei.

Pegámos nos chapéus, acendemos outros charutos e dirigimo-nos vagarosamente para os arruamentos areados de fresco, onde as arvores projetavam sombras oscilantes e aveludadas.

— Está uma bela tarde! — afirmou Alvaro.

— Divina!

— E vê o que a primavera está fazendo neste verde recanto de paz, de aguas, de perfumes e de côres! Que energia, que indizível graça, que fresquidão, que inocencia, que formosura ela espalha por

toda a parte, com suas milagrosas mãos imaculadas!

Com efeito, o jardim era incomparavel. Dir-se-ia errar por ali um deus Pan invizível, rindo ás gargalhadas, embriagando-se no hálito perturbante dos corolas e expiando os ninhos de frouxel macio que embalavam as ramagens com mu-

sicas fiutantes. As rosas de trepar rompiam, na colorida seda das suas pétalas, junto dos troncos dos arvoredos, enroscavam-se neles como serpentes iradas, subiam ás copas e despenhavam-se em festões tremendo á brisa como bandos de borboletas iriadas que fossem levantar vôo; os cachos de lilazes brancos e róxos rescendiam sob as folhas; as peonias abriam na sua opulencia aristocratica; os lírios alvos pareciam talhados num marmore tenro e transparente. Pairava sobre esta pompa nupcial um dormente zumbido de abelhas de ouro.

— Sitio privilegiado para as finas meditações ou para a convalescença de almas doridas! — disse eu.

— Passo aqui os meus melhores momentos — confessou Alvaro.

Com os charutos em brasa no labio e as mãos nos bolsos, fomos sentar-nos em amplas cadeiras de verga que esperavam por nós na solicitude de um carmanhão discreto, que as clematites e os jasmims cobriam de brancura aromatica. A serenidade era perfeita e convidava ao repouso e ás confidencias. Alvaro, pousando o chapéu sobre uma mesa de cortiça que estava na sua frente e suspirando de alívio, recomeçou a falar.



—Final, o meu mal é o mal da vida humana, que está pessimamente organizada.

—É pretendes tu reforma-la perto dos sessenta anos, depois de a teres dissipado prodigamente?— atalhei eu, sarcástico.

—Ai! de mim! Esse foi o meu grau de erro, e agora me lamento por não encontrar uma fonte de Juvencio escar ate que me restituísse, intrepido e varonil, á mocidade.

—Egoista! Viveste o teu tempo. Cêde o lugar aos outros e desaparece do cenário, porque já cumpriste a tua missão, vá!

—Que remedio! Mas não me retirarei sem amargura. Que queres? Não posso resignar-me!...

Interrompeu-se por um minuto, como se pretendesse realizar um lucido resumo critico dos seus sentimentos, e continuou:

—Na rialidade, custa-me a envelhecer, e é por isso que me insurjo. A grande irremediavel an-

tos, acentuando cada frase com um magnifico gesto.

—Não concordas?—perguntou.

—Conforme! Uma vida humana como tu sonhas mataria na existencia do sêr pensante todo o enlevo da variedade. Não se notaria ne a o contraste, a opposição, o claro-escuro. Era a monotonia mortal! —contraditei. Na fatalidade que nos conduz da mocidade á velhice tambem ha ritmo, harmonia, encantamento.

Quando se abdica facilmente, sem a vontade imperiosa de viver mais! Ora, esse não é o meu caso. Adoro a vida, com os seus espetaculos, os seus dramas, as suas comédias, as suas felicidades, os seus sofrimentos, e o entardecer é, para a minha sensibilidade, um insupportavel tormento.

—Mas ainda ha pouco, á meza do almoço...

—disse eu.



gustia da existencia contemporanea provém, precisamente, da velhice que nos surpreende a meio do caminho da nossa jornada.

—Desejavas ser então perpetuamente moço?

—E porque não? A vida prodigiosamente bela e amada seria aquela que não conhecesse o declinio, o crepusculo. Morrer aos cincoenta, aos oitenta anos, pouco importava, contanto que se morresse em plena beleza, em plena alacridade da juventude. A decadencia é que é horrivel e que tira ao mundo consciente toda a poesia e todo o encanto. A renovação poder-se-ia fazer no esplendor duma gloriosa alvorada e não na tortura de um soturno ocaso!

Alvaro falava verbosamente, em resoantes gri-

—Foi um deliquio... Mentia-te... Estava, de resto, sob uma sensação imensamente desagradavel, uma sensação que me não tem abandonado ha muitos dias. Imagina tu...

Outra vez emudeceu, numa irresolução, como se temesse ser indiscreto ou como se um poder secreto o impedisse de falar. Por cima das nossas cabeças um vento brando agitava as folhagens, que ramalhavam. O sol era uma rosa de ouro pulverisando-se em luz, no esplendor do azul celeste.

—Que hei de eu imaginar, homem?

Alvaro, abandonando-se mais na cadeira de vime, afagando com a mão os cabelos grisalhos da cabeça, recommçou:

—Lembro-me de que, aos vinte e cinco-anos, tive uma ardente paixão por certa gentil rapariga que foi o mais doce cuidado da minha mocidade. Essa mulher, que era de uma beleza inolvidavel, representou o meu amor mais serio, o meu sentimento mais digno e moralmente mais elevado. Em companhia dela, o meu destino teria sido bem diverso. Sem ela...

—Mas porque não te casaste, então, porque não concluíste honestamente o teu poema sentimental?

—Porque não casei! Estas deploraveis falencias nunca sensatamente se justificam... Não casei porque tinha fama de estroina, de estouvado, de valdevinos. A familia opoz-se tenazmente a uma união, Luiza chorou, pediu-me que fugisse com ela, houve cenas de desesperos absurdos. Aos vinte e cinco anos, as maiores emoções são transitorias. As contrariedades que a cada momento encontrava, terminaram por comunicar-me um aborrecimento, um tédio invencíveis. Escrevi a Luiza uma carta de que ainda hoje me arrependo. Fui injusto e fui cruel... Quando procurei dar-lhe explicações, ela, furiosa e desiludida, atirou-me com a janela na cara. Separámo-nos para sempre.

Bem sei. Ela casou com outro...

—Não sabes nada. Não me interrompas. Este romance não é, como os outros, banal nem pelo principio deixa adivinhar o seu desfecho logico. Luiza não casou. Desenganada, traída na sua confiança, temendo a inconsistencia de sentimentos e de opiniões dos homens, nunca mais quiz arriscar-se a nova experiencia. Fechou-se em casa, mirrando como uma flor na sua desgraça emotiva, talvez pensando constantemente em mim. Eu é que a esqueci completamente, volvídos dois mezes. Viajei, gastei o meu dinheiro por Paris, por Londres, por Berlim, «spirei á rosa da vida todo o seu perfume, experimentei todos os dissabores e todas as satisfações, sempre na intenção de apaziguar a avidez do novo, do inedito, que me devorava. Ao reentrar em Portugal, meio arruinado de fortuna, com os primeiros cabelos embranquecidos e com a alma esteril, nem sequer me recordava de que outr'ora havia desejado morrer por uma linda mulher...

—Morrer?!

—Uma simples imagem literaria!... Eu já então não estava na epoca em que os apaixonados se matavam sem primeiro pensarem na inutilidade dessa afirmação — ou dessa negação, como melhor te pareça!

Tinhamos acabado, durante os vagares da palestra, os charutos. Deitámos as pontas queimadas á poeira e reencetámos o passeio interrompido sobre a areia, que rangia sob a sola das nossas botas. Espicava-me a curiosidade de conhecer como finalisaria o episodio romantico que Alvaro só incompletamente me revelára, e incitei-o...

—Temos, pois, que ao entrarmos em Portugal, na tua patria, nem ao menos consideravas que nesta florescente terra, sob a calmaria destes céus, vivesse uma certa Luiza que havias amado.

—Na verdade!... Trazia o coração cheio de outras ternuras, de outras imagens amorosas, de outras inefaveis e alambrentes recordações... Mas, na solidude da minha vivenda provinciana, inteiramente isolado, servido por uma velha criada que conhecera minha mãe e que me fazia o *beef* do almoço cantando a *Caninha Verde*, Luiza reapareceu, luminosa e pura, no meu atribulado abandono. Desde esse minuto, imaginei o que com ela perdera: — a tran-

quilidade, a pacificação; a ventura, uma veneração que me amparasse, conservando sempre viçosa a minha fé. Em instantes de mais intenso sentir, fantasiiei-a lidando ativamente nas canceiras do *ménage*, com a massa dos cabelos negros enrolados no alto da nuca, o seu corpo de tão puras curvas desenhando-se firmemente na graça dum vestido preto e sorrindo-me constantemente; cheguei a vê-la á noite, por uma alucinação dos sentidos, sentada ao piano, com o seu perfil de medalhão antigo recordando-se no fulvo disco da luz, tocando, só para mim, uma pagina de Chopin, quando a lua, que entrevíamos pelas janelas da nossa casa, subisse e ondulasse por cima dos pinheiros solitarios... Perdi-me num enlevo ouvindo o galar de crianças inocentes, que fôsem nossos filhos, enchendo de alarido e de jovialidade o casarão sombrio que eu habitava! Neste cismar, os olhos humedeciam-se-me de lagrimas muitas vezes...

—Os sonhos nunca tem a realidade da vida. São um produto morbido do nosso organismo doente!

—Mas eu sonhava assim aos cincoenta e tantos anos! A alma sem consolações reagia!... Enfim, cansei-me da aldeia, vim para a cidade, para me aturdir. Foi ha um mez apenas. Montei casa, espai-reci, Luiza dissipou-se novamente na minha saudade...

—Não compreendo. Estás sibilino.

—Espera. Ha quatro dias tive um encontro solene, logo de manhã, e esse encontro inesperado veio agravar o meu padecimento.

—O encontro foi com ela?

—Justamente. Pelas dez horas, passava em frente duma igreja e dou de cara com uma senhora severamente vestida de preto. Olhou-me com demora. Como estranhasse a insistencia, parei e cortejei-a. Ela abaixou a cabeça, aproximou-se e murmurou:

—Sou eu, com efeito! Deixámo-nos ha trinta anos. Tinha eu, então, dezoito... O tempo foge, foge!... Parece-me que a separação, que eu não provoqueei, foi hontem apenas!...

Varado de espanto, com o sangue refluinto ao coração, que me pulsava desordenadamente, exclamei:

—Luiza, pois és tu?

—Já disse que sim... Os espectros recordam-se dos dias felizes!...

—Vamos ter, então, nupcias na idade em que vocês ambos deviam pensar na celebração das bodas de ouro? — interroguei zombeteiramente.

—Homem, perde o mau habito de te rires das coisas que só merecem respeito ou admiração. Esse cinismo desconcerta-me... Ouve: — Como eu, Luiza não tem hoje mais ninguem no mundo. Vive em companhia duma serva. Mas como ela está, santo Deus! Da sua beleza doutr'ora não lhe ficou um fugidio traço. Secou, enrugou como um pedaço de pergaminho esquecido ao canto duma gaveta por espaço de meio seculo. Numa face de papel amarelado fulguram dois olhos em que se concentra toda a vitalidade. Não resta nela uma unica linha pura e nobre. E, no entanto, considero que Luiza é um coração abso-lutamente casto, uma virgindade sem mácula.

Nenhum beijo de homem aqueceu o sangue dos seus labios. Sugere-me: uma primavera que envelhecesse!... Por isso eu me insurgia, ha pouco, contra a decadencia fisica. Porque não haviamos de viver e morrer sempre em mocidade perene? Se assim fôsse, destinos que apenas se compreendem á hora do ocaso, não se desgarrariam, teriam o seu instante de ventura e de união intima!...

Assim falou o meu amigo nesse dia de sol e de rosas.

JOÃO GRAVE.



UMA ELEGANTE CAÇADA. ÀS RAPOSAS



No pinhal.—A batida

A *équipe* Saint-Hubert, organizada por senhoras e cavalheiros da primeira sociedade de Lisboa, que levaram o seu entusiasmo pelas caçadas até o ponto de mandarem vir da Inglaterra um pratico para dirigir as suas diversões com todo o aparato que requerem, realisou mais uma das suas batidas, para o que escolheram os extensos pinheiras proximios da Charneca de Caparica.

O garbo das gentilissimas senhoras e dos distintos cavalheiros que tomaram parte na diversão foi imensamente admirado pela multidão que acorria ás estradas a vêr a passagem do luzido cortejo com a finissima matilha de cães e solenes batedores á frente. Depois de cinco horas de batida, durante as quaes se deram graciosos episodios na perseguição de duas raposas

que souberam fugir aos caçadores e escapar-se das matilhas e na de algumas lebres que foram poupadas por ser tempo de defezo, dirigiu-se a comitiva para o pinhal, onde lhe foi servido um finissimo *lunch*, que decorreu animadissimo, fazendo-se muitos brindes ás senhoras que tomaram parte na batida e aos diretores da *équipe*.

Terminado o *lunch* a elegante comitiva encaminhou-se para Cacilhas n'uma ordem severa do regresso nas antigas caçadas, tomando ali o vapor para Lisboa.

Tomaram parte na batida as seguintes senhoras e cavalheiros:

Sr.^{as} condessas do Calhariz e de S. Lourenço, D. Maria Rita



2. O sr. Jaime Alto Mearim, *mattre* da equipagem — 3. A caminho da batida, na estrada do Monte de Caparica, A *équipe* com a matilha á frente



1. Em descanso durante os preparativos do almoço. — 2. No pinhal.—3. No almoço.

Sá Paes do Amaral (Anadia), D. Maria Luiza Sá Paes do Amaral (Anadia), e os srs. condes de Calhariz, S. Lourenço, Anadia, Cazal Ribeiro, E. Miguel



1. Os srs. Silveira Ramos, Jaime Alto Mearim e Raul de Gilman, diretores da *equipe*



Sá Paes Amaral (Anadia), D. Luiz Campos Henriques, (Pinhel), Sanches de Baena, Rui Andrade, José Filipe Gomes Neto Rebelo, Silveira Ramos, Carlos Veloso, José Santos, Carlos Carvalho, Jaime Alto Mearim, Sellers, Sebastião da Cunha e Silva, Augusto Gonçalves, Raul Gilman, Jorge Campos, José Alverca e Jorge Graça, tendo assistido como espetadoras as sr.^{as} condessas de Alferrade e Casal Ribeiro, D. Tereza Guarda e madame Raul Gilman.



2. A sr.^a condessa de Calhariz—3. O sr. João Santos, a sr. D. Rita Paes do Amaral (Anadia) e os srs. conde de S. Lourenço e Sanches de Baena—(Clichés Benoliel).



Anunciação

*Chegou a Primavera ao meu quintal,
floriu a amendoeira.
Flocos de neve em boda nupcial
proclamou-te a Primeira.*

*Porque anuncia a tua Primavera
a amendoeira em flôr,
dentro de mim é como se viera
sagrar o nosso amor.*

*Espiritual, nos altos ceus flutua,
lembrando, assim florida,
a brancura das almas como a tua,
na sincope da vida.*

*Plantei-a com amor. O frio norte
soprou-lhe a haste pura.
E foi então, batida pela sorte,
florindo na aventura.*

*Egual destino o acaso nos traçou:
gerou-nos a penumbra;
mas veio a madrugada e triunfou
o amor que nos deslumbra.*

*Porque os meus olhos teem perturbado
a casta amendoeira,
flocos de neve em bodas de noivado
proclamam-te a Primeira...*

JOSÉ MONTEIRO.



O VELHO MUNDO EM GUERRA



A bandeira de um regimento de infantaria franceza
(Clíche da secção fotografica do exercito francez, cedido á Ilustração Portuguesa).

A tomada de Erzeroum é o facto culminante que a guerra nos ofereceu a semana passada. A atividade que os russos tornaram a desenvolver desde o principio do ano regressando a uma valente offensiva vae sendo coroada de exitos, com que já muita gente não contava, incluindo alguns dos mais fervorosos admiradores d'esse povo que tanto se tem sacrificado na actual luta.

A queda da poderosa praça forte do Caucaso, que os alemães e turcos apregoavam como inexpugnável, originou contra eles um grave conflito, accusando os generaes germanicos Enver-pachá de ser o responsavel d'esse tremendo desastre, em que os russos usaram da mesma tatica que os alemães para entrarem em Liège, penetrando por uma brecha antes de fechar o cerco.

Os turcos não podem agora comunicar directamente com o Mar Negro, pelo qual ainda faziam um commercio razoavel, ameaçando as forças russas o caminho de ferro de Tifflis á fron-

teira persa. Além d'isso, o plano combinado entre alemães e turcos sobre uma invasão transcaucasica fracassou agora e a Turquia fica ameaçada de perder todo o litoral do Mar Negro e o alto vale do Eufrates.

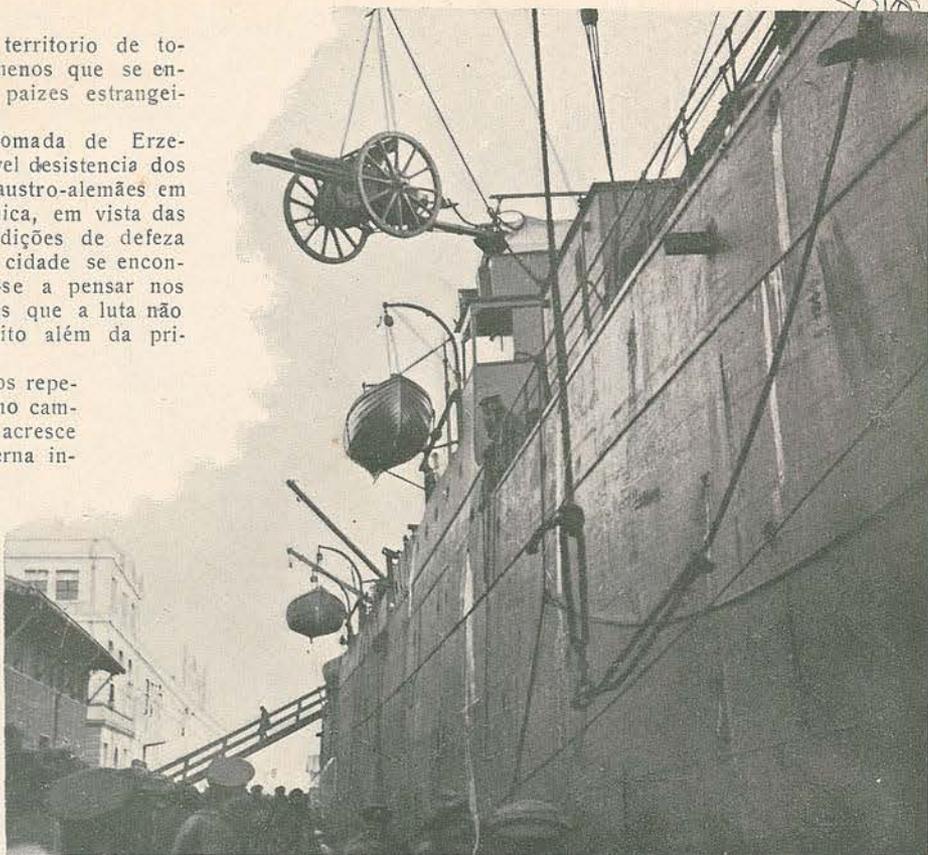
E não foi só a perda da praça como uma valiosissima posição estrategica. Os turoos não tiveram tempo de transportarem a artilharia grossa que a defendia, nem tão pouco de a inutilisar. Os russos apoderaram-se d'ela com viva satisfação, tanto mais que tomaram de assalto os fortes por não possuirem artilharia de grande calibre para os bombardear.

Esta importante victoria tem produzido um entusiasmo indescritivel não só entre as tropas russas, mas entre todos os exercitos aliados. E' possivel que ela mesma decida da attitude da Romania, que não póde ficar de braços cruzados ante o avanço dos russos na Bukovina. Tanto assim que o seu governo acaba de fazer a cha-

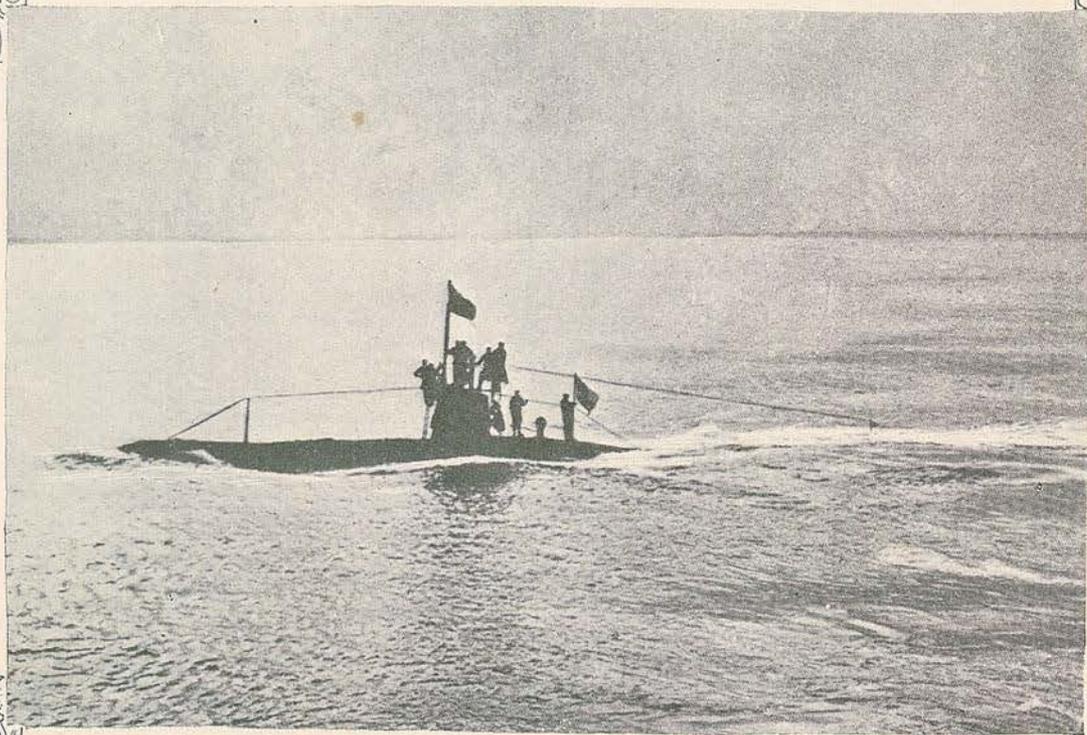
mada ao territorio de todos os romenos que se encontram em paizes estrangeiros.

Com a tomada de Erzeroum e a visivel desistencia dos bulgaros e os austro-alemães em atacarem Salonica, em vista das magnificas condições de defeza em que aquela cidade se encontra hoje, volta-se a pensar nos centros militares que a luta não poderá ir muito além da primavera.

Aos insucessos repetidos e graves no campo da batalha acrece a agitação interna insubjugavel em que a Alemanha e a Austria estão a braços por causa da fome, cujos gritos se misturam com os clamores dos dois povos para que se peça a paz.



Salonica. — Desembarque de um canhão de 75
(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á *Ilustração Portuguesa*).



Um submarino inglez no Mediterraneo



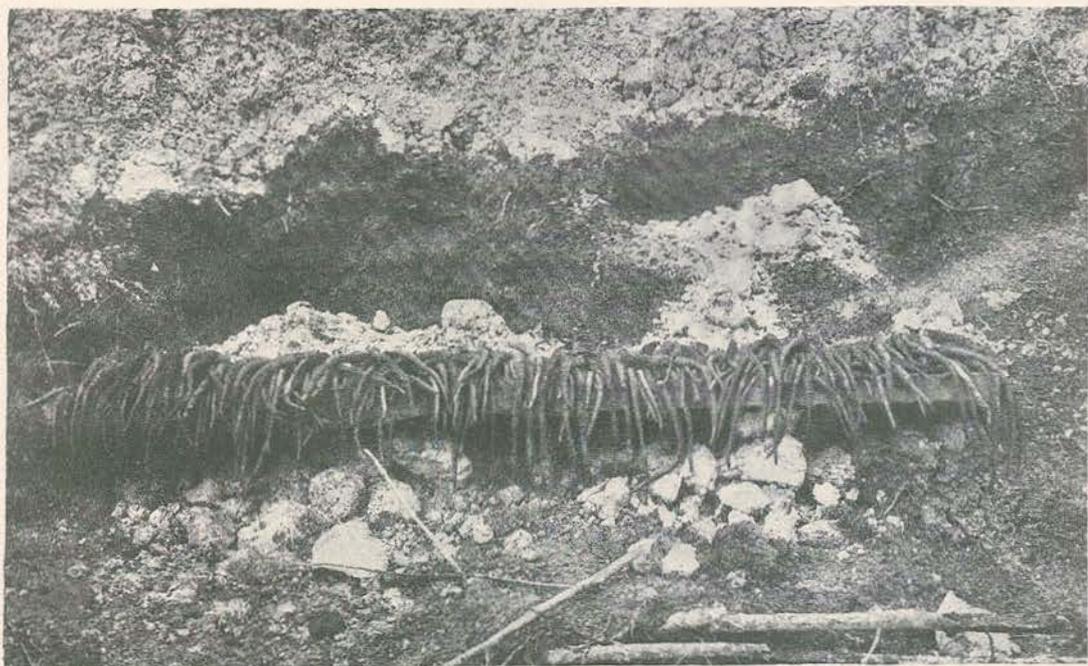
N'um café francez da zona da guerra



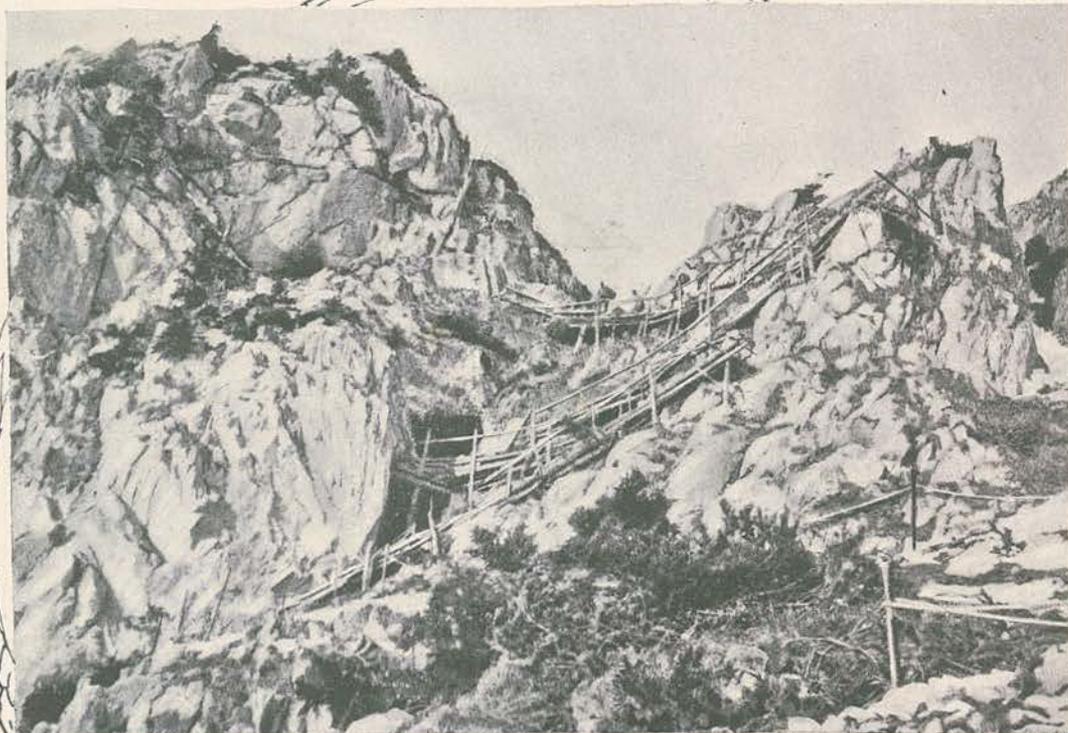
Um comovente encontro da rainha Milena com sua filha Elena, rainha de Italia, na estação de Roma



Exterminio dos ratos na frente da batalha : — Um belo quadro de caça



Outro aspeto do exterminio dos ratos



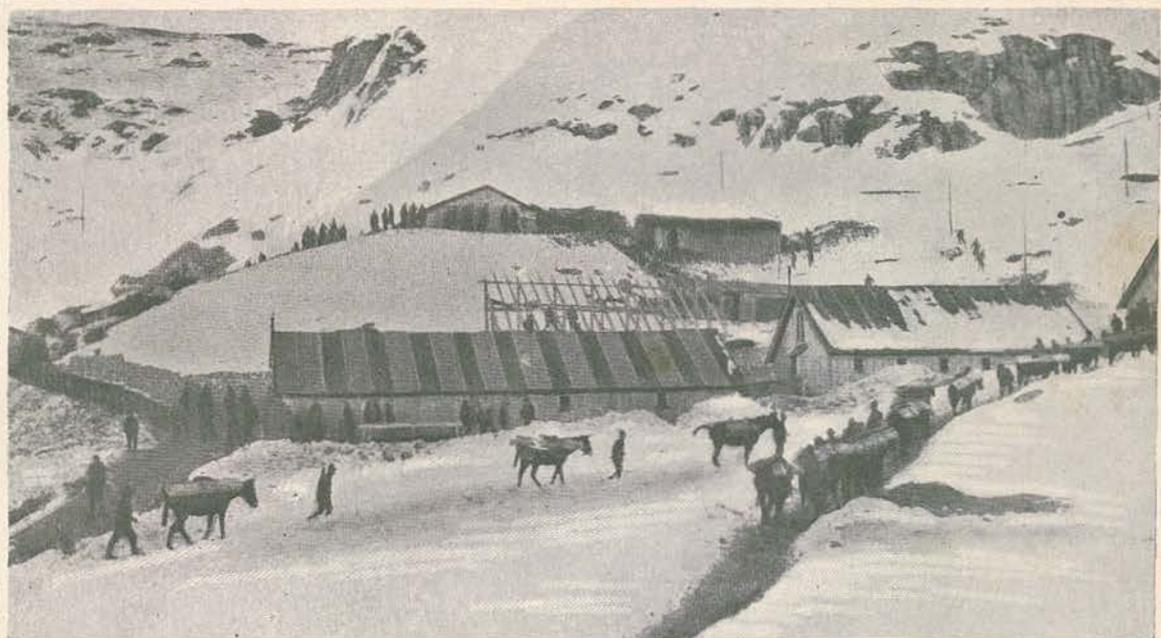
Como os soldados italianos chegam aos pontos mais inacessíveis



O exercito servio, na retirada, atravessando os montes albaneses



Valona : — O palacio da perfeitura



A guerra de inverno nos Alpes. — 1. Caravana de mulas no alto de uma montanha — 2. Patrulhas alpinas com *skis* em marcha sobre a neve. — 3. Patrulha da vanguarda no alto de uma montanha.

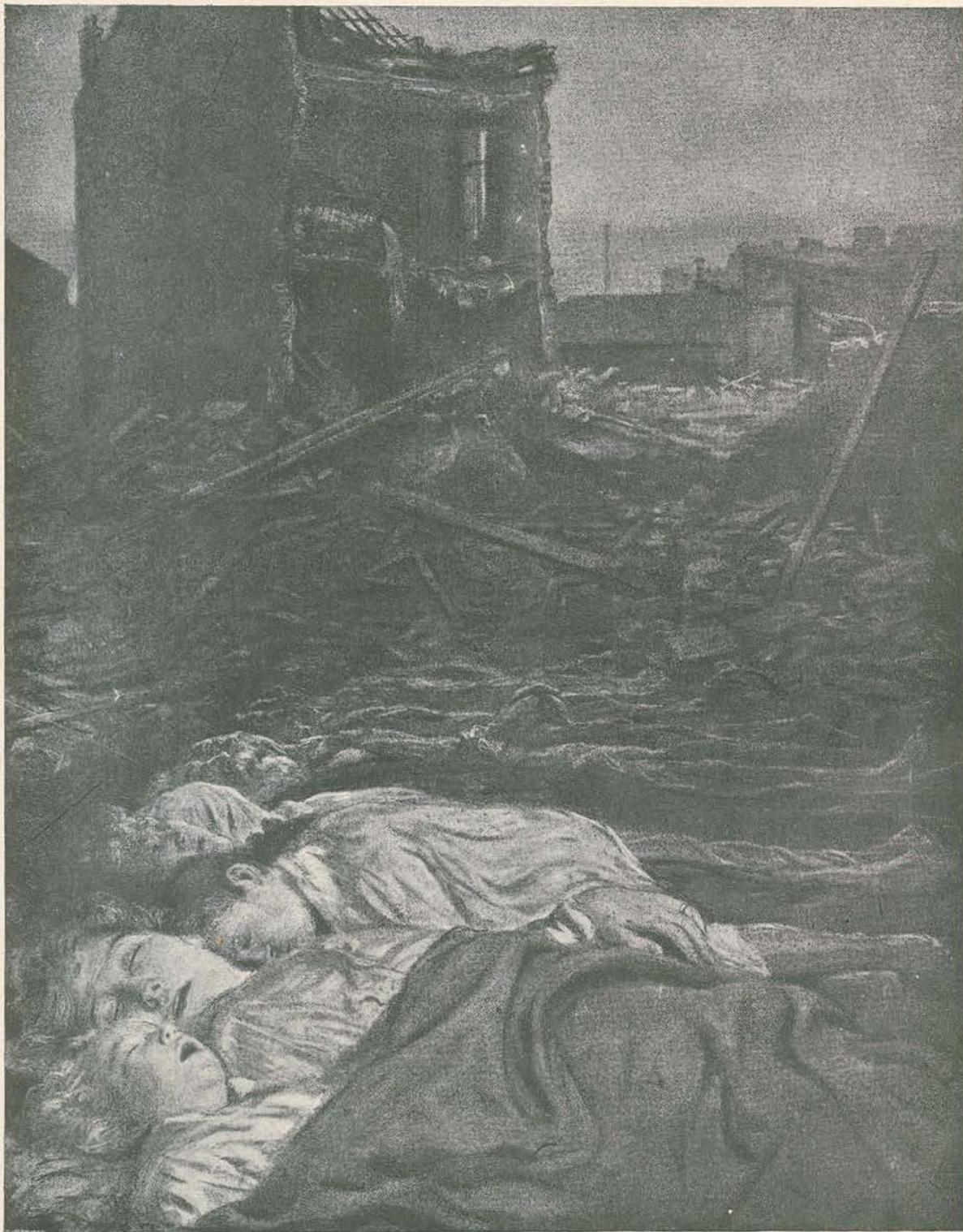
NO MAR DO NORTE



O Zeppelin «L-19», uma das mais temíveis aeronaves alemãs, foi alvejado e destruído pelo King Stephen, afundando-se no Mar do Norte

(The Illustrated London News).

"ZEPPELINS" EM PARIS



Depois dos *Heroes do Ar* atacarem a *Fortaleza de Paris*

E' de veras expressiva a legenda que o notavel desenhador da «Illustration», mr. J. Simont, poz ao seu comovedor desenho que hoje reproduzimos. Realmente, julgam-se heroes esses «piratas do ar»

que matam traiçoeira e cobardemente mulheres e creanças quando dormem, e lançam do alto bombas á cidade pacifica e indefeza, como se se tratasse de uma medonha fortaleza em pé de guerra.

O enterro das vítimas dos "Zeppelins".—Não foi só Paris que estremeceu n'uma grande convulsão de dór ante o pungente espetáculo de creanças, mulheres e velhos mortos pelas bombas de *Zeppelins* arremessadas sobre a cidade quando ela dormia em sono profundo sob um ceu escuro que protegia o *raid* brutal dos piratas do ar; percorreu por todo o mundo um calafrio de horror e de indignação ao saber-se de mais esta inacreditável selvageria, absolutamente inaproveitável sob o ponto de vista militar.

As exequias por alma de tantas e tão inocentes vítimas constituiram o que de mais solene, pungente e comovedor se tem visto perpas-



Uma delegação da Cruz Vermelha conduzindo coroas.—(Cliché Flaviens).

serena da água irradia por toda ela. E, realmente, nada de mais comovedor e repassado de tristeza!

sar nas ruas de Paris em dias que a França se cobre de luto e estala de dór. A multidão compacta, por entre cujas alas respeitosamente condidas desfilavam os carros funebres e um imponente cortejo visivelmente avergado a uma tristeza acabrunhante, mostrava-se profundamente comovida. De todos os olhos brotavam lágrimas copiosas e serenas: em todo o percurso ouviam-se soluços mal reprimidos, e a espaços davam-se explosões de dór que se refletiam por aquela enorme massa humana como uma fortíssima perturbação na superfície



Um grande desfile de carros que transportam os cadáveres das vítimas

(Cliché Excelsior).



"Zeppelins" sobre Inglaterra.—

Como á França, os piratas do ar também fizeram a sua visita sinistra á Inglaterra em 31 de janeiro ultimo, deixando-a assinalada por atrocidades dignas da mais veemente maldição. As vítimas, na maior parte, também foram mulheres



e crianças que repousavam tranquila e confiadamente nos seus leitos. Aqueles *valentes* são assim: fogem das lutas que os aliados lhes oferecem peito a peito. No que eles são fortes é em assassinar gente inerte pela calada e pelas trevas da noite como os mais infimos dos salteadores.



1. 2. e 3. Aspectos dos estragos produzidos pelas bombas dos *Zeppelins* em Inglaterra



Dois *boches* feridos

(Esboço do natural por Ferreira da Costa).



Depois da explosão de uma mina próximo de Vaquoix.—Um ataque á granada e á baioneta



Em flagrante : — Fisionomias de prisioneiros alemães



Oficiais do sequito

Generaes Porro, Panizzardi, Cadorna, d'Alessandro e Duque d'Aosta

A ORAÇÃO IMPERIAL



O Kaiser dando algumas instruções antes de se deitar:
«E peçam nas suas orações para que o atual ministerio britanico tenha tão longa vida como a que lhe desejo.
(The Bystander).



O caso do consulado alemão em Lausane.—Este consulado, no dia dos anos do kaiser, içou a bandeira alemã. O povo manifestou-se tão hostilmente a este ato que arrancou a bandeira, rasgando-a em mil pedaços.



Cruz Vermelha italiana.—Representa este clichê um trecho de um hospital de *bersaglieri*, vendo-se um d'estes soldados tratados por uma enfermeira e parecendo mais um turco pelo genero de barretes que usam.



Em Corfu.—A infantaria franceza em grande força desembarca n'esta ilha—(Clichê Sphere)

O amor em Portugal no século XVIII

O novo livro de Julio Dantas, agora posto á venda, é o primeiro livro completo que se escreve em Portugal sobre o século XVIII. Depois da rajada épica da *Patria Portuguesa*, o ciclar ligeiro e vaporoso d'uma galanteria envolta em rendas, debatendo-se numa nuvem de pó de arroz, sensual e amorosa; é uma aguarela de cores vivas



ao lado de um grande quadro a óleo. E' um outro aspeto profundo e diferente modalidade na obra imperdível de Julio Dantas. já tão profusa, tão aguda e tão diversa. Todo um mundo, quasi esquecido, ressurge animado pelo seu extraordinario poder d'evocação, estremecendo e amando, emergindo d'esse século tão extranhamente voluptuoso, nitidamente recortado, com um claro-escuro soberbo. Julio Dantas não é agora, n'este livro, nem o historiadador vibrante da *Patria Portuguesa*, nem o medico insigne dos *Outros tempos*, nem o poeta e enternecido da *Ceia dos Cardeais*, das *Rosas de todo o ano*, do *Primeiro beijo*, mas continua a ser o grande mestre, usando d'uma forte e masculina vernaculidade, pondo ao serviço da sua pena magnificos dons d'artista, raras qualidades d'observação. Nenhuma obra tem dado origem a controversia mais do



nhas delicadas d'Alberto de Souza, tem agora, em volume, a unidade que perdera necessariamente em tempo, nos folhetins da *Capital*, um fundo d'azul e oiro onde passa, se agita todo um século de rotulas entreabertas, de freiras osadas, de comicas italianas, de monsenhores impertinentes, vivendo entre bruxedos d'amor,



Julio Dantas

nação e de inferno que era as *cheganças*; é o faceira, a mulher-dama, o marotinho, o peralta, o frade, toda uma multidão irrequieta e amorosa sobre o qual o illustre homem de letras se debruça, que segue a par e passo, que anima com o sopro do seu talento, em paginas que polulam de vida, d'onde as figuras saltam, se destacam, das melhores sem contestação, que a nossa moderna literatura, tem produzido. *O amor em Portugal no século XVIII* é bem um curioso e extraordinario livro. escrito com uma vis creadora propria e inconfundivel e cujos caracteristicos brilhantes debalde se procurariam fóra de Julio Dantas. E' um livro que vemos em todas as mesas, espalhado por um formidavel sucesso de li-



que a d'ele, nenhuma se tem imposto mais, irradiado com mais fulgurancia atravez de cinco milhões de portuguezes. Um livro d'ele é sempre uma polemica—e um triunfo; uma peça d'ele é sempre uma discussão — e um modelo. O livro de Julio Dantas, primorosamente apresentado, com as figuri-



vria, discutido, louvado, admirado. Reune tres predica-dos supremos que fazem da obra alguma coisa de muito completo e de muito íntimo; é um livro de prazer, um livro de consulta—um livro de coração!

Spectmens dos belissimos desenhos do distinto artista sr. Alberto de Sousa, que ilustram os varios episodios do livro de Julio Dantas.

FIGURAS E FACTOS



Trabalhadores de imprensa

Veste de gala amanhã o Eden Teatro, onde se realisa um brilhante festival oferecido gentilmente pela empresa ao cofre de pensões da associação de classe dos Trabalhadores da Imprensa. O programa, que é interessantíssimo, tem um ato que é todo constituído por numeros escritos expressamente para essa festa por distintos jornalistas e homens de letras. A' festa assiste o chefe do Estado e a comissão organisadora do espetaculo reun'u elementos para que o programa d'essa noite constitua um espetaculo sensacional.

O primeiro numero d'essa festa será um belo soneto do poeta sr. Acacio de Paiva, dito pela gentil atriz Amelia Pereira; segue-se uma preleção do nosso colega Oldemiro Cesar pelo ator Henrique Alves.

O ator comico Nascimento Fernandes fará um interessantissimo numero, tambem escrito expressamente para este festival pelos srs. João Bastos e Ernesto Rodrigues. A discipula Jalsira de Sousa cantará duas lindas canções do sr. dr. Antonio Viana, havendo ainda outros numeros por Estevão Amarante e João Silva, respectivamente escritos por *Esculapio* e Napoleão Gonçalves; este ato de *Folies Bergeres* fecha com uma engraçadissima cega-rega jornalística em que são postas em foco as individualidades mais conhecidas no meio jornalístico. Completam o espetaculo dois atos das revistas mais aplaudidas, ultimamente em cena n'este teatro. A comissão organisadora da festa, composta dos srs dr. Augusto de Castro, dr. Antonio Viana, dr. José Pontes, Oldemiro Cesar, Nascimento Fernandes, Mota Carvalho, Alvaro Cabral, Eduardo Coelho, José Joaquim Almeida, Julio Almeida e Balate Quadrio, tem procurado proporcionar ao publico um espetaculo cheio de atractivos.



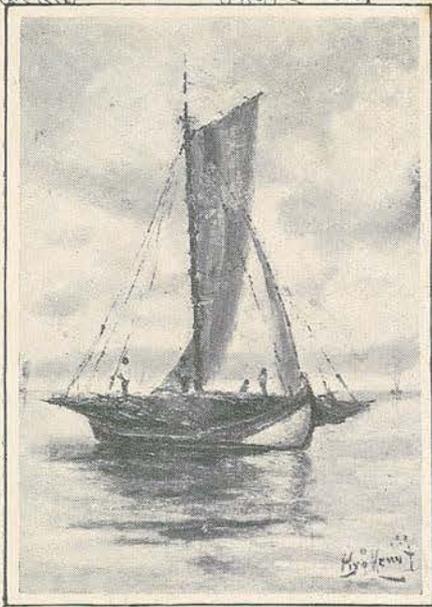
1. O sr. Oldemiro Cesar, redator do *Seculo*—2. O sr. Eduardo Coelho, co-proprietario e redator do *Diario de Noticias*—3. O sr. dr. José Pontes, redator do *Seculo*—4. O sr. dr. Augusto de Castro, escritor dramatico e jornalista—5. O sr. dr. Antonio Viana, distinto maestro-compositor—6. O ator-escritor Alvaro Cabral—7. O ator Nascimento Fernandes—8. O sr. Julio d'Almeida, do *Seculo*—9. O sr. José Joaquim d'Almeida, do *Diario de Noticias*—10. A atriz Luiza Durão—11. O sr. Balate Quadrio, do *Seculo*—12. O sr. Mota de Carvalho, gerente do Eden Teatro—13. A atrizinha Judit de Castro—14. O ator Joaquim Costa—15. O ator Estevão Amarante—O ator Henrique Alves—17. A atriz Amelia Pereira—18. O maestro Bernardo Ferreira—19. A discipula-atriz Jalsira de Sousa—20. O ator João Silva



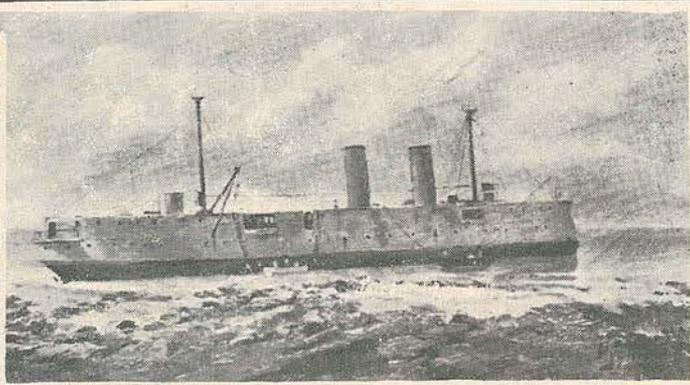
Aspeto do banquete em homenagem ao sr. dr. Alexandre Braga, efetuado no Hotel Central

(Cliché Benoliel).

Exposição Higino Mendonça



«Carga de Abrantes», quadro adquirido pelo sr. José Silva Graça



«O cruzador *Republica* encalhado», quadro adquirido pelo sr. presidente da Republica

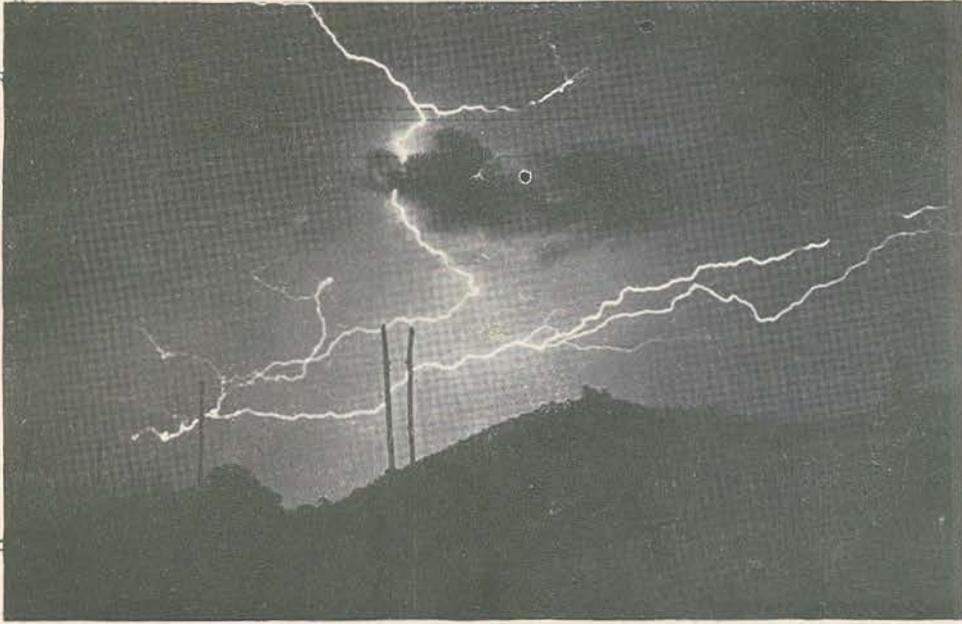
Tendo sido muito visitada e merecendo excepcionaes elogios de toda a imprensa e dos mais autorizados criticos, encerrou-se hontem a exposição de pintura do distinto escritor sr. Higino Mendonça e de sua filha a sr.^{ta} D. Henriqueta de Mendonça Cardoso. Foram vendidos mais de metade dos quadros expostos.

O sr. presidente da Republica, que visitou a exposição, elogiou calorosamente a obra dos dois illustres amadores, adquirindo o belo quadro «O cruzador *Republica* encalhado», que, além de uma primorosa obra d'arte, fica sendo um documento de muito valor historico.



O sr. presidente da Republica e sua esposa visitando a exposição, vendo-se o expositor e o secretario geral da presidencia, sr. Maia Pinto —(Clichés Benotiel).

Paizagens brasileiras

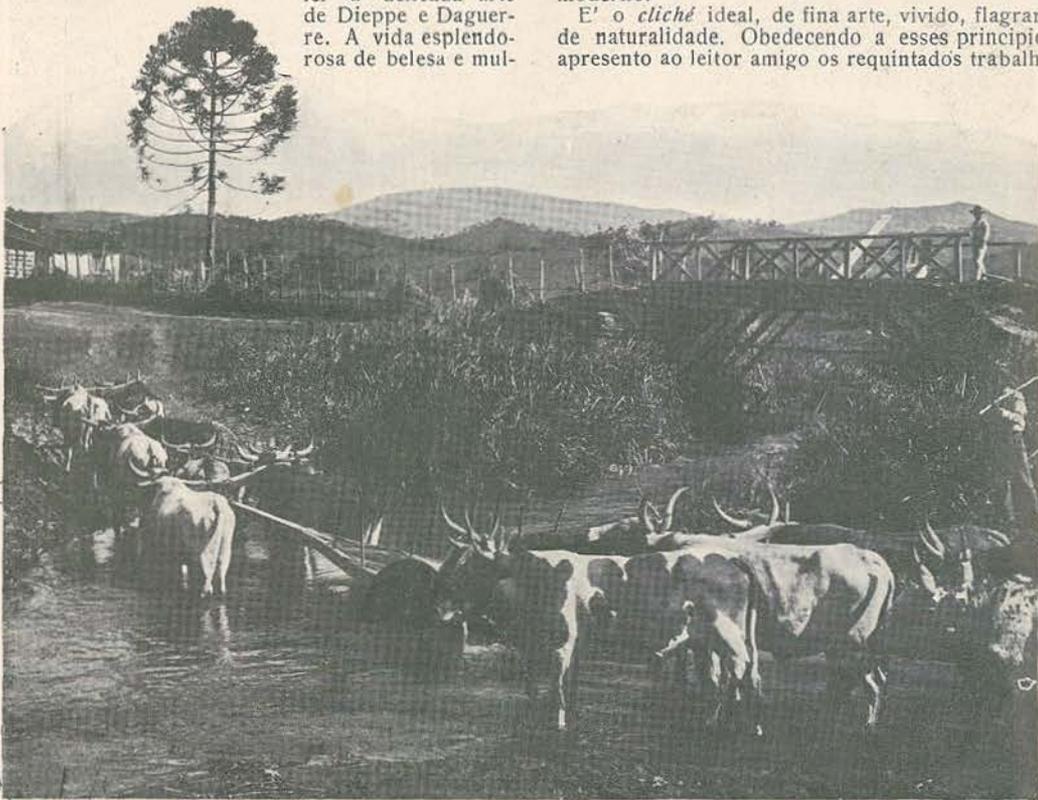


Estado do Rio. (Nova Friburgo)—Um relampago

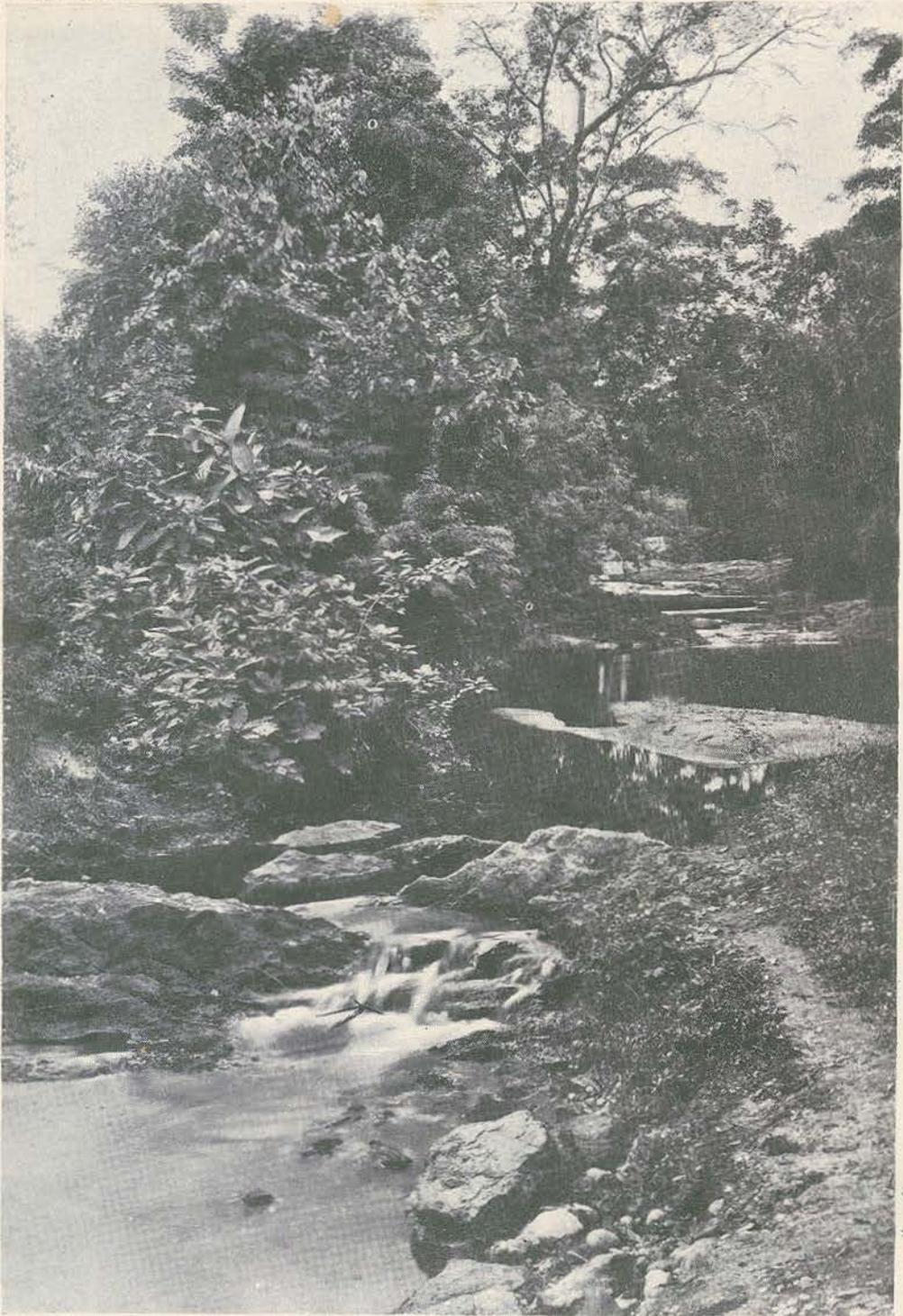
E' um gosto d'alma o apreciar qualquer trabalho saído de mãos irrepreensíveis que conheçam a valer a delicada arte de Dieppe e Daguerre. A vida esplendorosa de belesa e mul-

tiplos caprichos de forma, resalta com a maior precisão e nitidez na chapa impecavel do fotografo moderno.

E' o *cliché* ideal, de fina arte, vivido, flagrante de naturalidade. Obedecendo a esses principios, apresento ao leitor amigo os requintados trabalhos



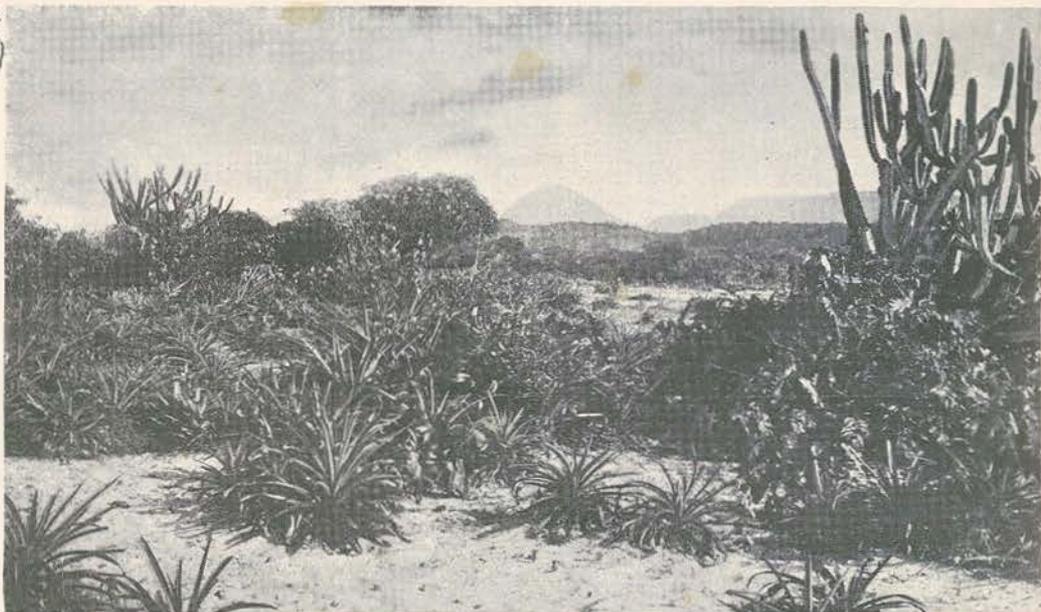
Estado de Minas (Laubari — Passando um córrego



Estado do Rio— Rio Ouro

de fotografia artística do distinto profissional sr. Augusto Soucassaux, que avultam a primor nas paginas d'este numero da *Ilustração Portuguesa*. De regresso das Terras de Santa Cruz, onde

foi como tantos em busca da fortuna, trouxe, quando de volta á Patria, na sua bagagem de romeiro do Belo, uma ótima coleção de aspetos maravilhosos d'encantos mil.



Estado do Rio.—Uma restinga na *baixada*



Estado de S. Paulo.—Casa rustica na Lorena

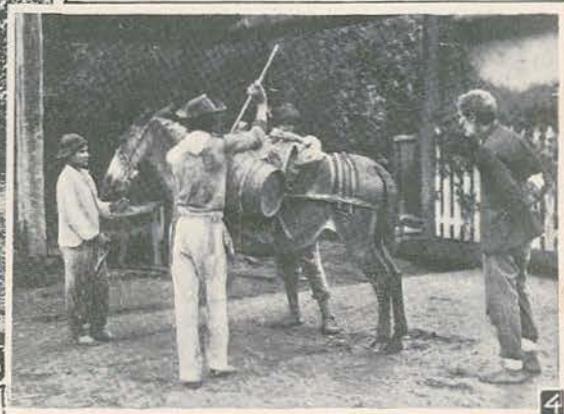
São lindas paisagens, de prodiga seiva tropical, mimosas aguarelas e encantadoras aguas fortes que prendem, n'um deliquio de intenso gozo espiritual, o olhar apaixonado de finas sensações.

Domingos Ferreira.



Rio de Janeiro.—Grupo de oitiseiros no Horto Florestal

(Fotografias artisticas de Augusto Socassaux)



Estado de S. Paulo.—N'uma fazenda. Encargando aguardente

TEATROS

OS REDEMPTORES DA ILLIRIA, no Teatro Nacional.

A ultima peça do sr. Ramada Curto, representada no Teatro Nacional, foi evidentemente prejudicada pela atmosfera politica que, em torno d'ela, se fez. Sem isso, sem essa detestavel atmosfera de S. Bento e Terreiro do Paço, *Os Redemptores da Illiria* logriariam o agrado a que tem direito as incontestaveis qualidades cenicis e literarias que revelam. De resto, o sr. Ramada Curto, cuja reputação de talento está solidamente firmada, é tambem, simultaneamente, politico militante e homem de letras. Quiz dar talvez á sua peça essa simultaneidade de aspectos da sua exuberante personalidade, fazendo d'ela uma obra de critica partidaria e uma obra de efeitos teatraes. Mas a politica — infelizmente! — onde quer que appareça, vem sempre acima, como o azeite. E assim, na sua produção, ninguém viu a arte — e todos, mesmo os melhor intencionados, viram a politica.

Raditcheff apenas *Raditcheff* é uma figura de teatro; *Raditcheff-Aionso Costa* é uma figura de pamphleto politico. O publico começou a ver, bem ou mal — na minha opinião, mal — atravez dos diversas personagens, vultos do seu conhecimento e passou a vel-as assim, não como o autor as creou e quiz apresentar, mas atravez das suas simpatias ou antipatias pessoases. Não havia meio de comunicar grandeza á ação, com uma plateia assim disposta. E sem uma certa impressão de grandeza, o entrecio d'*Os Redemptores* não podia ter o interesse que o autor quizera dar-lhe.

E, no entanto, *Os Redemptores da Illiria* são uma peça de teatro, arquetada com viva imaginação, embora nem sempre desenvolvida com logica. Mas, ha por vezes, vigor e ha sempre reaes qualidades de talento literario.

NOITE DE SANTO ANTONIO, no Teatro Republica.

O sr. Vasco de Mendonça Alves quiz fazer da *Noite de Santo Antonio* uma obra sentimental. Acumulou n'esse intuito, demasiadamente os efeitos emotivos, despresando um pouco a preparação dos episodios e a logica de

ação. No entanto, a sua peça confirma o talento teatral aclamado na *Conspiradora* e na *Promessa*, duas obras que constituem uma forte e bela bagagem de homem de teatro.

O 2.º ato da *Noite de Santo Antonio* é explendido e n'ele se reconhece a mão dextra d'um dramaturgo.



O sr. Ramada Curto, autor dos *Redemptores*



O sr. Chagas Roquete, autor do *O Senhor Roubado*



Augusto Melo nos *Redemptores da Illiria*



Mendonça de Carvalho no «Alvaro de Mesquita», da peça *O Senhor Roubado*



Cardoso, no «Pessoa» da peça *O Senhor Roubado*



A distinta cantora Maria Galvani

No COLISEU DOS RECREIOS.

Krucenisk, Battistini, Maria Galvani... Soma e segue. As celebidades sucedem-se no palco monumental do Coliseu, transformado em ribalta de grande opera. Maria Galvani é uma cantora de recursos execicnaes que o publico de Lisboa vae, mais uma vez, aplaudir. As noites do Coliseu, a ouvir trinar os rouxinoes, estão marcando alguma coisa de artistico e belo na vida melancolica da capital.



Maria Matos na D. «Patrocimo» da peça *O Senhor Roubado*

A. de C.